



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura do 81º Encontro Nacional da Indústria da
Construção (Enic)**

Rio de Janeiro-RJ, 1º de setembro de 2009

Meu querido companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Meus queridos companheiros ministros, Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Luiz Eduardo Barretto, do Turismo; Marcio Fortes, das Cidades,

Meu querido Luiz Fernando Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro deputado Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Meu querido companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro,

Minha querida companheira Maria Fernanda Coelho Ramos, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu querido companheiro Paulo Simão, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção,

Meu querido companheiro Roberto Kauffmann, presidente do Sindicato da Indústria da Construção do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Eduardo Gouvêa Vieira, presidente da Federação das Indústrias do estado do Rio de Janeiro,

Meu querido companheiro Artur Henrique, presidente da CUT,

Meu querido companheiro Rogério Chor, presidente da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário,



Senhor Irwin Perret, presidente da Federação Interamericana da Indústria da Construção Civil,

Meu caro companheiro, querido maestro Eduardo Feijó, maestro do coral do programa “Alfabetizar é Construir”, por meio de quem cumprimento todos os integrantes do coro,

Meus queridos empresários,

Amigos da imprensa,

Primeiro, eu queria dar os parabéns para o coro, que foi brilhante. Eu sei que vocês estão iniciando. Eu poderia estar junto com vocês, aí, e até desafinar um pouco, mas vocês vão perceber que não tem nada melhor do que a gente estudar para aprender. Vocês vão perceber que daqui a três, quatro meses, vocês vão estar disputando espaço com os mais importantes artistas brasileiros, porque vocês podem ser melhores do que eles. Meus parabéns pela iniciativa, e eu espero que esses companheiros gostem de música, de verdade.

Eu prometo, companheiro Sérgio Cabral – eu, que costumo abandonar o meu discurso e fazer os meus improvisos –, eu prometo hoje me ater ao discurso porque o tempo está calibrado e nós temos que ir para Brasília hoje, não é Armando, para poder trabalhar amanhã.

O discurso... não se assustem não porque a letra é muito grande, é um parágrafo por página, portanto, não tem mais do que dois minutos.

Queria cumprimentar a nossa querida presidente, secretária-executiva do Ministério do Meio Ambiente que está aqui, a nossa companheira Izabella que, certamente, vai contribuir para os próximos programas que nós vamos fazer,

O Jorge Hereda, que está escondido, mas está lá atrás, que é o cara que a Maria Fernanda designou para agilizar o programa Minha Casa, Minha Vida, e que eu tenho, mensalmente, cobrado dele agilidade desse programa.



Não se assustem com essa tosse, que não é gripe suína. Ontem eu estava sobre... Eu estava sendo observado pelo meu médico, porque eu estive com o Uribe na última sexta-feira e eu tinha que ficar 72 horas em observação. Estou bem. Essa tossezinha deve ser uma coisa pior do que a gripe suína, mas, de qualquer forma, não se preocupem.

Bem, meus amigos e minhas amigas, este 81º Encontro Nacional da construção civil acontece num momento especial da história brasileira. E, mais que isso, num momento decisivo da economia mundial e num horizonte privilegiado do mercado imobiliário em nosso país.

O tempo de acanhamento econômico acabou, e esgotou-se a supremacia dos modelos que inibiam o crescimento e a sociedade em nome de receitas prontas que nunca deram certo. Parece que é mais do que a gripe suína. E pior é que o médico não está nem me olhando. Você veja que, na hora em que eu preciso, não tem médico. Serginho, traga!

Hoje podemos, sem dúvida, afirmar: a palavra soberania está de volta ao vocabulário político do século XXI. Não se trata mais de soberania como sinônimo de xenofobia, de protecionismo, mas sim de plena autonomia para devolver à sociedade o comando democrático do seu destino, do seu desenvolvimento e de repartição dos frutos do seu trabalho. Soberania para assegurar às famílias e a cada indivíduo o direito sagrado de um espaço digno, de cidadania. Tudo isso é sinônimo de crescimento justo, de garantia de emprego, saúde, escola, habitação decente, vizinhança segura e bairro acolhedor.

O encontro entre a política macroeconômica e o interesse concreto da cidadania se dá fortemente na conquista da moradia. E é justamente por ter esta responsabilidade que a indústria da construção ocupa um espaço essencial na agenda do desenvolvimento brasileiro.

Minhas amigas e meus amigos,

Anunciamos, ontem, os marcos legais para a exploração das jazidas



brasileiras do pré-sal. Decidimos ampliar as avenidas de uma nova soberania do nosso povo no século XXI. A decisão que tomamos em relação ao petróleo brasileiro transcende os limites deste governo, vai além do tempo desta geração. O que desejamos é assegurar aos nossos filhos e aos filhos dos nossos filhos os benefícios decorrentes da exploração de uma das maiores reservas de petróleo descobertas no Planeta nos últimos 30 anos. Abre-se, portanto, uma nova fronteira que agrega bases extraordinárias à trajetória de qualquer povo. Vai além disso, porém, no caso de uma economia diferenciada como a nossa, que já está saindo da crise gerada nos países mais ricos e que certamente sairá ainda mais forte.

Nós sabemos que nada disso acontece por acaso. Nós sabemos que não basta um vento, se a mão que dirige o leme não souber o rumo que se deve tomar. E a verdade é que criamos, antes da crise, as condições que fazem a diferença, tão importante agora.

Em plena crise internacional, nosso mercado de massa consolidou um patamar de 100 milhões de consumidores. Enquanto outras economias regrediam ou estagnavam, a demanda do cobiçado mercado interno brasileiro continuou a crescer. Nosso parque industrial, o segundo maior entre os países emergentes, não quebrou e não faliu, nem promoveu o desemprego em massa, antecipado por aqueles que torciam contra o País, de olho no interesse político menor e unilateral.

Esgotado o ciclo de ajuste de estoques, nossas fábricas voltam agora a operar em trajetória ascendente. Há sete meses a produção industrial se recupera, a retomada das contratações se espalha por diferentes setores, a confiança empresarial aumenta há oito meses seguidos, e o setor de máquinas e equipamentos lidera a lista dos resultados mensais.

Os R\$ 646 bilhões em investimentos destinados ao PAC deram à economia brasileira um horizonte de futuro, que garantiu a travessia segura de uma crise na qual fomos os últimos a entrar e os primeiros a sair. O



planejamento público na área da infraestrutura estava abandonado no nosso país há mais de 30 anos. E a economia pagou um preço alto por esse equívoco estratégico, como ficou evidente no apagão de 2000 e 2001. Com o PAC, antecipamos a retomada de uma sólida política de investimentos, hoje adotada a toque de caixa pela maioria das nações ricas ou pobres do nosso planeta.

O programa Minha Casa, Minha Vida, que está agregando mais de R\$ 34 bilhões ao setor imobiliário, veio reforçar essa resposta autônoma, e voltou a imprimir velocidade a um motor de desenvolvimento que patinava desde a crise do BNH, nos anos 80. A este programa, devemos somar o enorme salto do financiamento imobiliário, capitaneado pela ação dos bancos públicos. De janeiro a agosto deste ano, a Caixa Econômica Federal atingiu o volume recorde de empréstimos, de R\$ 23,2 bilhões. Isso quer dizer que, em menos de oito meses, o Banco já emprestou mais recursos para a construção do que fez durante todo o ano passado e, certamente, esses valores continuarão a subir.

Portanto, meus amigos e minhas amigas, os investimentos do pré-sal vêm se somar a esse horizonte extraordinário do Brasil. Estou falando do horizonte de uma economia que rejeitou a lógica da especulação, a agenda do investimento produtivo e da produção para a geração de emprego e oportunidade para a maioria do nosso povo.

A Petrobras emerge, nesse cenário, como a empresa de petróleo detentora da maior carteira de investimentos do Planeta, com US\$ 174 bilhões programados para explorar e produzir cada vez mais, comprar equipamentos e realizar muitas construções nos próximos cinco anos. Esses US\$ 174 bilhões da Petrobras estão previstos [para] serem investidos até 2013.

Consolidam-se, assim, as garantias que habilitam nosso país a dar um salto inédito de produtividade e de inovação. As medidas que anunciamos em relação ao pré-sal visam a consolidar tudo isso, impulsionando o Brasil ao pleno desenvolvimento. Vamos superar, definitivamente, os abismos sociais, educativos, culturais e ambientais que há tanto tempo marcam o nosso querido



país.

É essa solidez vitoriosa que devolve sentido à expressão “mobilidade social” entre nós, e a democratização do acesso à casa própria é um dos pilares mais importantes dessa reconciliação entre o desenvolvimento e a justiça social. Por isso, a expansão do emprego, da renda e do crédito no País, que saltou de 24% do PIB, em 2003, para 43,5% do PIB, agora, necessariamente teria que desaguar, como de fato ocorre, neste ciclo efervescente de obras, reformas e demandas por habitação.

Vivemos, portanto, um momento singular de nossa história. Há otimismo no ar do Brasil. Há transformações em marcha e outras prestes a acontecer que articulam o horizonte de curto, médio e longo prazos numa trajetória de esperança, autoestima e geração de riquezas. Há um sentimento de confiança da população, nela mesma e no futuro da nação. E em todo o mundo, poucas vozes discordam de que essa é a hora do Brasil e, portanto, a vez de todos os brasileiros e brasileiras.

Os senhores e as senhoras que ajudaram a construir este 81º Encontro Nacional da construção civil estão de parabéns. A contribuição que o setor tem dado ao nosso país é inestimável. Tenho certeza de que todos sairão daqui fortalecidos em sua confiança no Brasil e muito mais comprometidos em contribuir para o avanço do nosso país e a melhoria das condições de vida e de moradia do nosso povo.

Como eu não gostei do discurso escrito, eu vou ter que dizer umas palavrinhas para vocês. Desculpa, Sérgio Cabral, mas eu vou ter que dizer algumas coisas que eu acho que têm que acontecer no Brasil daqui para a frente. Em primeiro lugar, é importante ter claro que nós mudamos o patamar da construção civil no nosso país.

O Chap Chap está aqui na minha frente. O Paulo está sentado naquela mesa. Os empresários mais antigos da construção civil sabem que foram mais de 20 longos anos que a construção civil ficou patinando e rateando neste país,



que não tinha programa do governo federal, que não tinha programa do governo estadual, que não tinha programa dos governos municipais e, portanto, a construção civil ficava à mercê da disponibilidade de crédito não oferecido pelos bancos públicos e, menos os privados, para que as pessoas tivessem acesso a adquirir o seu patrimônio imobiliário.

Durante longos 20 anos, a construção civil, que foi o setor industrial de maior oferta de emprego neste país... apenas decresceu a oferta de emprego. O Armando deve ter isso na CNI, o Paulo deve ter isso no seu sindicato, na sua confederação. Foram 20 anos em que o número de empregos na construção civil foi caindo, caindo, caindo, até que chegou o ano de 2003 e nós resolvemos mudar a lógica e as regras dos programas habitacionais do nosso país.

Uma vez, Paulo, eu estava em um debate com a Febraban, e eu perguntava ao presidente da Febraban por que os bancos públicos, os bancos privados, não financiavam habitação neste país. Isso foi em 2002, e eu ouvi a resposta clássica do sistema financeiro brasileiro, que não financiava habitação porque, no Brasil, eles não tinham garantia para financiar habitação, e se financiasse habitação e a pessoa que adquiriu habitação não pudesse pagar, eles não tinham como pegar a casa de volta porque a Justiça não deixava.

Ora, a partir do momento em que eu tomei posse – eu, o ministro Palocci, e outros ministros do governo –, resolvemos fazer as mudanças na legislação para garantir que os bancos públicos não apenas... os bancos privados não apenas financiassem casa, mas que eles tivessem a garantia de que, se as pessoas não pagassem, eles poderiam retomar a casa, como retomavam uma geladeira, um televisor, um carro e tantos outros bens adquiridos por nós.

Isso significou um pouco, uma meia revolução na construção civil, sobretudo uma nova motivação para que o sistema financeiro privado voltasse a investir na economia. Entre a aprovação da lei, a nossa vontade política e



começar o plano de investimento, demoraram ainda quase três anos para as coisas começarem a acontecer. Mas aí nós tomamos a decisão – e a nossa querida presidenta da Caixa Econômica Federal é a testemunha mais viva – de fazer com que a Caixa Econômica Federal voltasse a assumir a responsabilidade de utilizar o máximo de potencial, de recurso que ela tinha e, ao mesmo tempo, a gente começar a mudar as entranhas da burocracia da própria Caixa Econômica – que não é uma coisa fácil – para que a gente pudesse desovar o dinheiro até então disponibilizado pelo governo, para que as coisas comesçassem a acontecer neste país.

E nós sabemos que não atingimos a plenitude, ainda, da perfeição. Nós sabemos que ainda tem muita coisa para acontecer, porque no Brasil existe muita desconfiança, existem muitas regras. Eu tenho dito, publicamente, que durante todos esses anos em que o Brasil não cresceu, a gente desmontou toda a máquina de execução deste país. A gente criou uma poderosa máquina de fiscalização, com funcionários muito melhor remunerados do que os executores, para impedir que as coisas acontecessem, não por maldade, mas cumprindo as leis que nós, deputados, meu caro Luiz Pontes, criamos ao longo desses últimos 20 anos no País. Partia-se do pressuposto, neste país, que todo mundo que executava era malandro, que todo mundo que fiscalizava era honesto, e nós fortalecemos a máquina de fiscalização em detrimento à máquina de execução.

Hoje nós nos damos ao luxo de ter um país em que um engenheiro executor do governo do estado, do Dnit ou de qualquer outro lugar, ou da Caixa Econômica, ganha R\$ 6 mil ou R\$ 7 mil, e um mesmo engenheiro, fiscalizador, ganha R\$ 20 mil, R\$ 19 mil, R\$ 24 mil por mês. Um total desequilíbrio neste país. Porque, no Brasil, nós fomos criando a cultura de que todo mundo é desonesto até prova em contrário quando, no mundo inteiro, todo mundo é honesto até prova em contrário. Nós invertemos a história deste país.

Pois bem, essas verdades não são fáceis de dizer. Elas, muitas vezes,



ferem, elas, muitas vezes, machucam, mas quem governa hoje uma prefeitura, um estado ou um país sabe das dificuldades, e a culpa não é individualmente de ninguém. A culpa não é do Tribunal de Contas, do Ministério Público, sabe, ou só da burocracia do governo – porque nós também temos burocracia. Entre o presidente da República tomar uma decisão e ela acontecer na ponta, leva tempo, meses e, às vezes, até anos. Entre um governador tomar uma decisão e ela acontecer na ponta, leva meses, anos e, às vezes, nem acontece. Às vezes, nós estamos com vontade de inaugurar aquela obra, e quando perguntamos à pessoa responsável: "E tal obra?". Nem foi licitada ainda. Por quê? Porque teve problema ambiental, porque teve um problema no Ministério Público, porque teve um problema na Justiça, porque a empresa que perdeu entrou com um recurso e está parado no Poder Judiciário.

Porque também tem isso no setor, Paulo, da construção civil, que é uma questão que nós não resolvemos. Você faz uma licitação, a empresa que perde vai para a Justiça e segura uma obra dois anos ou três anos, e a gente não consegue fazer a obra. Então, você tem um modelo extraordinário no País, você tem um monte para destruir e um para construir. E todo mundo sabe que destruir é mais fácil. Um prédio como este, você leva anos para construir. Para destruir, você enrola ele de dinamite, aperta um botão, explode, em dois minutos ele está no chão.

É assim que as coisas funcionam neste país, e que a gente fica um culpando o outro e não se junta para consertar. Todo mundo queria a política tributária, política tributária, política tributária. Eu já mandei duas propostas de política tributária para o Congresso Nacional e ela não foi votada, porque cada brasileiro tem a sua política tributária na cabeça. E para cada um a política tributária é aquela que ele vai pagar menos imposto. Ora, como é que nós vamos resolver isso se nós não pararmos de pensar em nós mesmos, e um dia a gente pensar neste país?

Uma coisa importante que vocês têm que saber: o programa Minha



Casa, Minha Vida foi um desafio que eu fiz a mim mesmo. Eu disse à ministra Dilma e ao ministro Guido: eu quero fazer um programa habitacional. Quero que vocês conversem com os empresários para ver quantas casas eles podem fazer. E aí, Paulo, os empresários me propuseram 200 mil casas. Eu falei: isso não é programa. Isso é repetir a mesmice que a gente está fazendo. Aí, briguei, briguei, briguei, e o Guido Mantega falou assim para mim: “Presidente, que tal a gente fazer 500 [mil]”. Eu falei: É pouco. Isso não é desafio, isso é fazer a mesmice. Eu quero fazer mais. Vamos fazer um programa de um milhão de casas. Vamos desafiar a Caixa Econômica Federal, desafiar o governo federal, desafiar a estrutura burocrática nossa, mas vamos desafiar também os empresários, vamos saber se eles estão preparados para fazer um milhão de casas. Eu queria até 2010. Vamos desafiar prefeituras, vamos desafiar os governos estaduais e vamos ver se a gente consegue fazer um milhão de casas neste país.

Bem, começamos a trabalhar. Foram três meses para montar o programa, quatro meses [de] arranjos. Eu descobri coisas, Paulo, do... eu não vou dizer aqui... do arco-da-velha. Eu não vou dizer aqui. Descobri coisas na política de financiamento, na política de seguros, na política cartorial, que eram coisas, assim, que nem o pirata do Caribe lidava com isso mais, e a gente estava lidando.

Esse programa está permitindo que a gente vá mudando essa regra. Por que mudando essa regra? Porque a partir do momento... e aqui está o Hereda, eu vou citar o nome dele, pode se levantar aí para o pessoal ver que você está aqui, Hereda. Está aqui. Eu tenho feito reuniões mensais com o Hereda, que é o homem designado pela Maria Fernanda para cuidar disso. Eu quero cadastrar um milhão de casas até 2010. Agora, pode se sentar agora.

Agora, eu não quero saber quantas eu vou cadastrar. Eu quero saber quantas casas eu vou construir até 2010, porque esse programa foi criado para resolver parte da crise internacional. Portanto, as casas não podem deixar para



serem construídas em 2014 e 2015. Elas têm que ser já, ontem, antes de ontem. Amanhã elas têm que ser distribuídas. Ora, nós temos dinheiro, o dinheiro está disponível para fazer as casas, nós temos gente que quer casas, nós temos empresários, o que está faltando? Qual é o empecilho para a gente começar a construir casas neste país a dar com pau? Porque se a gente resolver os problemas burocráticos, se a gente resolver o problema... a princípio se imaginava que o problema dos empresários era apenas um problema de dinheiro, e não é. É que a gente também não estava preparado. A gente estava preparado para comer de grão em grão. A gente não está preparado para comer um prato cheio e nós estamos oferecendo um prato cheio. Come devagar e depois toma um remédio qualquer aí, daqueles que faz digestão, que não tem problema.

O dado concreto é que nós temos que vencer esse desafio, sabem por quê? Porque se a gente construir um milhão de casas mudou o paradigma habitacional neste país. Nenhum presidente vai poder apresentar o Programa com 100 mil casas, com 50 mil casas, com 200 mil casas. Ele vai ter que mudar de patamar. Ou seja, nós elevamos o paradigma deste país. Os dados que eu dei aqui, a Caixa Econômica, a Caixa Econômica – só para vocês lembrarem, do setor da construção civil –, a Caixa Econômica este ano bateu o recorde dos recordes, que era do governo Figueiredo. Que ano que era, Maria Fernanda? 85? 84? [19]82, que foi o recorde do investimento em habitação. Este mês, no mês de agosto, a gente já fez mais do que fez todo 2008, que foi um ano excepcional.

Companheiros, desculpem aqui a euforia, é que eu estou pagando os juros do tempo que eu me engasguei no começo aqui.

Veja, é um desafio que não é para mim. Para mim falta um ano e quatro meses para deixar o governo, e eu tenho consciência de que eu já fiz mais do que aqueles que eu substituí. Não é isso que eu quero. O que eu quero é que a gente prove que este país está preparado para fazer mais e muito mais.



Porque se a gente conseguir construir o programa Minha Casa Minha Vida... não se esqueçam de que nós temos uma Copa do Mundo e temos que preparar ainda o não preparado projeto de mobilidade urbana para a Copa do Mundo. Não se esqueçam de que a gente está reivindicando o direito de fazer as Olimpíadas em 2016, que é outra coisa extraordinária para este país e para o estado do Rio de Janeiro. Na verdade, o que eu estou querendo provocar vocês é que vocês também têm que mudar de patamar. Não apenas eu ou o governo. Todos nós temos que mudar de patamar.

Vocês estão lembrados, na crise econômica, o que aconteceu? O Brasil não tinha que ter passado pela crise que passou. Houve uma certa covardia de setores. A indústria automobilística brasileira foi desativada nos meses de novembro e dezembro. A gente despencou com medo do pânico vendido pela imprensa. E a gente dizia que era preciso fortalecer o mercado interno. Vocês nunca viram, neste país, um presidente da República, no dia 22 de dezembro, ir para a televisão, fazer uma rede nacional fazendo propaganda do consumismo, pedindo para o povo comprar. Por que, qual era a propaganda? Era que se ele comprasse, ele ia perder o emprego e não podia pagar. Eu fui dizer: se você não comprar, você vai perder o emprego. É exatamente o inverso.

Este país, gente, mudou de patamar. Este país está perdendo o complexo de um país de mulheres e homens de segunda classe. Este país tem que aprender que essa crise econômica foi causada por aqueles que, a vida inteira, ditaram regras para nós, que vinham aqui dizer como é que tinha que ser a nossa balança comercial, a nossa política fiscal, os nossos investimentos. Quando veio a crise neles, quem era que estava bem? Era este país, que tinha sido tratado durante séculos como cidadão de segunda classe.

Eu acho que neste encontro, 81º Encontro da construção civil, aqui no Rio de Janeiro, eu queria desafiar vocês a uma luta. Este país não pode retroceder. Não falta dinheiro neste país. Às vezes, faltam projetos. Mas, me



digam uma coisa, há quantas décadas vocês não viam o investimento na construção civil que nós estamos fazendo? Há quantas décadas vocês não viam investimento em habitação, saneamento básico? Era uma vergonha, era uma verdadeira vergonha neste país. Político não gostava de colocar manilha embaixo da terra porque não dava para colocar o nome da mãe em uma placa, ou do tio, ou do sobrinho. Eles não percebiam que a melhor propaganda deles não era o nome do avô, mas era uma criança podendo brincar na rua sem estar pisando em esgoto a céu aberto, como a gente vê neste país inteiro. Esse desafio, meus companheiros, não é meu. Esse desafio é nosso, e eu queria convocar vocês.

Primeiro, vocês sabem que no meu governo não tem restrição à apresentação de reivindicações. Se tem uma coisa de que nós não temos medo é de reivindicação. E, na medida do possível, a gente vai tentando reparar os erros do passado e tentando dar um passo para o futuro. Nós fizemos com que 20 milhões de brasileiros ascendessem à classe média. Essas pessoas estão mais exigentes comigo e com vocês. Na hora em que as pessoas começam a comer três vezes ao dia, começam a ler um livro, começam a ter um emprego, a ter um salário, as pessoas começam a fazer uma revolução cultural na sua própria cabeça. Então, o desafio que está colocado não é a gente ficar remoendo o que não aconteceu ontem. É a gente preparar o que vai acontecer depois de amanhã.

É por isso que eu vou apresentar um novo PAC, em janeiro de 2010. E é por isso que este país tem que apresentar um novo PAC a partir de janeiro de 2015, porque este país não pode desaprender que investimento é como se fosse a carteira de um advogado, ou seja, você tem que ter muitos processos para você poder ter uma renda mensal razoável. Nós precisamos garantir a vocês a certeza de investimento em inovação tecnológica, a certeza de comprar novas máquinas, a certeza de contratar novos trabalhadores, se vocês perceberem que no ano que vem vocês vão ter a mesma possibilidade do ano



passado, e vão tendo sempre possibilidade para frente. Se o governo contratar vocês e não pagar, vocês passam a não acreditar. O governo finge que contrata, vocês fingem que fazem e o país vai voltar às mentiras que nós vivemos duas ou três décadas atrás.

Eu acho que eu mudei muito. Acho que vocês mudaram muito. Acho que o Brasil mudou muito, e essa mudança foi extraordinária. Ela foi tão extraordinária que me fez hoje, aqui, chamar todos que estão à mesa de companheiros, como eu chamava, habitualmente, algum tempo atrás, só o meu companheiro Artur de companheiro. Significa que eu aprendi, na Presidência do Brasil, que o Brasil não é construído apenas pelos operários que produzem. Ele é também construído por aqueles que têm capital para contratar os trabalhadores para produzirem os bens deste país. Significa que se nós estivermos irmanados pensando neste país, com o pré-sal, com a Copa do Mundo, com o PAC que nós aprendemos a fazer, possivelmente com uma Olimpíada, este país pode dar um salto de qualidade e, em pouco tempo, a gente deixar de ser um país meramente emergente, um país celeiro do mundo, que todos nós, da minha geração, aprendemos a falar. Vamos nos transformar numa das economias mais importantes do mundo, e não depende do presidente da República, depende dos brasileiros. Eu espero que vocês estejam dispostos a fazer este país se transformar em uma grande nação.

Um abraço e boa sorte a todos vocês.

(\$211A)